

ASPECTOS PSICOLÓGICOS ENVOLVIDOS NA VIDA DO AGRICULTOR FAMILIAR: TECNOLOGIA E MEIO AMBIENTE EM FOCO

PSYCHOLOGICAL ASPECTS INVOLVED IN THE LIFE OF FAMILY FARMERS: TECHNOLOGY AND ENVIRONMENT IN FOCUS

VALVERDE, Gabrielly Aparecida Silva¹; **SANTOS**, Ronni Ferreira dos²; **SOUZA**,
Wanderley Tiago de³; **BARRETO**, Wanderson⁴.

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo analisar os aspectos psicológicos do agricultor familiar. Para tanto, conduziu-se uma análise acerca dos impactos ocorridos no meio rural em decorrência da evolução tecnológica, buscando, assim, entender quais foram os benefícios e malefícios da modernização na saúde mental desses trabalhadores. Realizou-se um relato de experiência, a partir de observações, em uma pequena agricultura familiar no interior de Goiás, visando comparar a teoria com a prática, investigando como a psicologia se faz presente no meio rural e como ela pode favorecer no trabalho desempenhado pelos agricultores. O principal aspecto investigado foi a relação do agricultor familiar com seu ambiente e como essa interação pode contribuir para adoecimentos psicológicos. Concluímos que tanto o ambiente quanto às mudanças climáticas exercem influência significativa sobre o indivíduo, gerando sofrimento, o qual é manifestado em formas como ansiedade, angústia e medo do futuro.

Palavras-chave: Agricultura familiar; saúde mental; psicologia ambiental; tecnologias do campo.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the psychological aspects of family farmers. To this end, an analysis was conducted on the impacts that occurred in rural areas as a result of technological evolution, thus seeking to understand the benefits and harms of modernization on the mental health of these workers. An experience report was written, based on observations, in a small family farm in the interior of Goiás, aiming to compare theory with practice, investigating how psychology is present in rural areas and how it can benefit the work carried out by farmers. The main aspect investigated was the relationship between family farmers and their environment and how this interaction can contribute to psychological illnesses. We concluded that both the environment and climate change exert a significant influence on the individual, generating suffering, which is manifested in forms such as anxiety, anguish and fear of the future.

Keywords: Family farming; mental health; environmental psychology; field technology.

¹ Gabrielly Aparecida Silva Valverde. Graduada em Psicologia, e-mail: gabriellyaparecida981@gmail.com.

² Ronni Ferreira dos Santos. Graduado em Psicologia, e-mail: psi.ronnyferreira@gmail.com.

³ Wanderley Tiago de Souza. Graduado em Psicologia, e-mail: psitiagosouza@gmail.com.

⁴ Wanderson Barreto. Mestre em Psicologia, e-mail: wanderson.barreto@facunicamps.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

No presente estudo, abordamos os aspectos psicológicos envolvidos na vida do sujeito do campo, analisando como o advento da tecnologia e as mudanças e transformações dela decorrentes impactaram a vida, causaram benefícios (como conforto e comodidade) e malefícios e fragilidades (por exemplo, estresse e transtornos emocionais, como ansiedade e depressão, decorrentes da adaptação às mudanças causadas pela modernidade). Diante disso, essa pesquisa visa responder às seguintes perguntas: Quais foram os impactos, inclusive psicológicos, do advento da tecnologia e da modernidade na vida cotidiana do homem do campo e de sua família? Existe uma relação de causalidade entre o uso intensivo de tecnologias, a modernização na vida do campo e o adoecimento mental da população que vive no campo? Como se dá o processo da psicologia no meio rural? Qual a necessidade do produtor rural ter acesso aos serviços de saúde mental?

Frente a essas perguntas, como hipótese inicial, acredita-se que o advento da tecnologia e da modernização na vida do homem do campo provocou transformações profundas na vida cotidiana do camponês, dando a ele e a sua família uma nova perspectiva de vida, tanto econômica e social quanto psicológica. Tais mudanças trouxeram benefícios, por exemplo, melhoria do conforto e da comodidade, com o acesso a itens como energia elétrica, água encanada, moradia de melhor qualidade e maquinário que automatizou o trabalho e a lida no campo. Ao mesmo tempo, essas transformações trouxeram, também, problemas e malefícios, por exemplo, aumento do número de suicídio e dos transtornos de ansiedade e de depressão, decorrentes dos problemas advindos com a modernidade, como abuso de substâncias; aumento dos níveis de estresse por causa da mudança na dinâmica da produção e da comercialização dos produtos, cenário que se tornou mais competitivo; endividamentos bancários; concorrência com atores internacionais, que passaram, com a globalização, a concorrer no mercado local; dentre outros fatores. Nesse sentido, considera-se uma relação de causalidade entre essas transformações e o adoecimento mental.

Nesse meio, viu-se a necessidade de se pensar em uma psicologia que alcance essa minoria. Dada a atual relevância desse assunto dentro da psicologia, tem-se por hipótese, e também por justificativa, a existência da falta de interesse dos profissionais para buscar um processo que facilite o acesso do homem do campo aos serviços de psicologia, como a psicoterapia, a atenção à saúde do trabalhador, dentre outros.

Além disso, este trabalho justifica-se pela pouca literatura acadêmica publicada, pela necessidade de abordar o comportamento do camponês em zonas rurais de forma abrangente e por produzir informações que podem servir como subsídio para fomentar políticas públicas que atendam o camponês de maneira integral e multidisciplinar, com ênfase na saúde mental. Sendo assim, o objetivo geral da presente pesquisa é conhecer os aspectos psicológicos do cotidiano do indivíduo proveniente do campo e os aspectos da saúde mental, em especial, decorrentes das transformações oriundas do advento da tecnologia e da modernização na vida e no cotidiano da população que mora no campo. Enquanto objetivos específicos, buscamos identificar quais as transformações vividas pelo camponês ao longo do tempo; caracterizar como ocorre a dinâmica de vida dos camponeses na contemporaneidade; especificar se há adoecimento mental relacionado à vida no campo; e entender a dinâmica da psicologia no meio rural.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A agricultura familiar, suas definições e para além dela

Segundo a lei nº 11.326/2006 (Brasil, 2006), que estabelece diretrizes para a formulação da política nacional da agricultura familiar e empreendimentos rurais, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que

- I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;
- IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (Brasil, 2006, Art. 3).

Segundo Castro (2023), a agricultura familiar não é homogênea, dada a diversidade que se encontra nesse meio. O autor afirma, ainda, que as variações de uma agricultura considerada familiar para a outra vai de “fatores naturais dos estabelecimentos a características dos agropecuários”, tendo também diferenciações na produção e tantas outras características que influenciam nesse grupo; isto posto, o desenvolvimento industrial e a tecnologia no meio rural tiveram suas alterações ao passar do tempo, sendo assim, cada indivíduo tem uma experiência individual nesse processo (Castro, 2023, p. 7).

O Brasil é o maior com estabelecimentos agropecuários familiares, segundo o Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2019), o qual registra cerca de 78%. Conforme salienta Castro (2023), o Brasil foi o primeiro país a instituir políticas públicas, em grande proporção, destinadas à agricultura familiar com o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), por volta dos anos 90, mais especificamente em 1996, em que teve todo um movimento social para que tal assunto entrasse como tema na agenda política federal; porém, a definição de agricultura familiar não foi estabelecida no texto do decreto do Pronaf, somente em 2006 foi estabelecido, com a lei nº 11.326, suas definições, como mencionadas acima. O referido autor ainda afirma que a definição buscou, propositalmente, uma abrangência, a qual tem um “propósito de política social ampliada para as políticas públicas da agricultura familiar, não apenas destinada para agricultores” (Castro, 2023, p. 21).

Segundo Castro, Resende e Pires (2014), a agricultura familiar diminuiu o êxodo rural, devido às melhorias de renda em consequência de políticas públicas e programas financeiros que inseriram essa área no mercado, fazendo com que, atualmente, seja possível se manter somente da renda do ganho do campo. Para tanto, são necessários, para continuar se mantendo e ter condições adequadas de políticas institucionais, acesso a crédito, a canais de negociação, a energia, dentre outros fatores importantes.

De acordo com Martins (1986), os agricultores recebem diferentes nomenclaturas, a depender de sua região, por exemplo, em São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Paraná, são referidos como “roceiro” ou “caipira”. Já no Nordeste, são chamados de “tabaréu”, e, em outras regiões, “caboclos”, mas, para Martins, esses termos têm duplo sentido, pois dizem respeito ao sujeito que vive no campo como uma pessoa “rústica, atrasada e ingênua”, palavras essas usadas de forma a perjurar e relacionando as definições a pessoas preguiçosas, com pouca disposição para o trabalho. Tal autor explica que esse fenômeno tem uma história e uma concepção predominantemente urbana, na qual as regras são dos que participam dos pactos políticos, fazendo com que o camponês seja excluído, considerado como não essencial às decisões públicas, sendo assim, foram esquecidos na representação da história do Brasil; porém, a historiografia brasileira recente busca retratar o papel do camponês como participante social ativo da formação do Brasil atual, considerando suas particularidades (Martins, 1986).

2.2 Impactos da modernidade e do advento da Tecnologia na dinâmica de vida do camponês na contemporaneidade

Na Revolução Industrial, durante o século XVIII na Inglaterra, houve mudanças em todo o cenário mundial que impactaram fortemente o movimento econômico, inclusive o campo e as zonas rurais. Pode-se observar que esse contexto trouxe o aumento acelerado na produtividade da agricultura e da agropecuária (Medeiros, 2019).

A título de exemplo, a utilização dos animais para transportes foi substituída por veículos; a produção da mão de obra humana e animal foi substituída por máquinas agrícolas; e o uso de produtos para combater pragas, antes feito de forma artesanal, foi substituído por produtos agrotóxicos, aplicados com máquinas nas lavouras (Reis, 2022).

No meio rural, desde as décadas anteriores, estabelece-se o fenômeno conhecido como êxodo rural, o qual condiz de a população do campo migrar para a cidade, situação que contribui para o aumento da população urbana; esse processo ocorre por causa da Revolução Industrial, gerando, assim, grande impacto nesse meio, dadas as drásticas mudanças (Alves, 2011).

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), 29,8 milhões de pessoas estão no meio rural, o que corresponde a 15,6% da população do Brasil. Atualmente, o êxodo rural deixou de ser uma problemática, sendo necessário avaliar a realidade de cada pessoa que faz esse tipo de migração (Alves, 2011).

No meio rural, a tecnologia vai da pré-produção até a pós-produção. Conforme destaca Massruhá (2017, p. 29), o agro está na chamada Quarta Revolução, nesse prisma, a agricultura digital ou agro 4.0, da qual parte o conceito de que “hoje não existe mais separação entre os mundos físico e virtual”, garante que a tecnologia no campo facilita o modo de vida, com a utilização de ferramentas que contribuem para o plantio e para as colheitas na obtenção de dados, juntamente com contribuições na pecuária, reduzindo os custos de mão de obra e proporcionando um faturamento maior. Logo, a comunicação global gerada pela tecnologia que alcançou o campo vem sendo um grande diferencial para a busca de melhorias para o meio rural (Massruhá, 2017).

A tecnologia, juntamente com os benefícios de acesso, também pode conduzir a malefícios, quando considerado seu uso excessivo ou problemas decorrentes de sua

introdução no meio rural. Segundo Pereira e Castro (2022), as inovações também podem promover uma desigualdade tecnológica, influenciadas por vários fatores, como o custo alto para agregar as tecnologias ou, até mesmo, uma resistência em incluir tecnologias mais inovadoras por não se ter um conhecimento do que elas podem proporcionar. Tais autores falam que as tecnologias podem manter o Brasil em destaque na produção e no comércio mundial, contudo, ressaltam que as novas tecnologias capazes de alavancar isso precisam ser postas de forma coordenada, caso contrário, trarão mais desigualdade entre o pequeno e o grande produtor (Pereira; Castro, 2022).

O uso excessivo de meios tecnológicos, de forma desregrada, pode proporcionar dependência, a qual proporciona problemas como depressão, ansiedade, entre outros. Segundo Campos e Araújo (2013), nesses problemas, está incluso o desejo irresistível de usar as redes, tendo uma incapacidade de controle, o que causa a irritabilidade, trazendo, conseqüentemente, uma frustração ao não conseguir se conectar, tornando, assim, a propensão para uma fuga constante do real para o virtual, o que pode afetar os aspectos de relacionamento entre famílias e habilidades sociais.

Essas mudanças e os impactos que elas causam na vida emocional do homem do campo reforçam a necessidade de atuação da psicologia na atenção à saúde mental no contexto rural, uma vez que alteraram a dinâmica da vida na zona rural, bem como a lida na lavoura e na pecuária, ou seja, fizeram com que os comportamentos e a estrutura familiar e profissional fossem alteradas (Reis, 2022).

2.3 Psicologia no contexto rural

Uma psicologia mais voltada para a realidade da população de forma mais abrangente, considerando aspectos sociais e culturais, surgiu a partir da década de 1960, tendo a inserção do psicólogo na saúde pública nacional, sendo criado, mais adiante, a Associação Brasileira de Pesquisa Social (ABRAPSO). As pesquisas sobre a vida do camponês têm sido realizadas por diversas áreas do conhecimento, como Economia, Sociologia, Agronomia e Antropologia. É importante notar que algumas dessas áreas que incorporam o rural em suas análises e estudos constituíram subáreas em torno desse campo, enquanto a Psicologia se manteve longe da zona rural e das suas práticas, carecendo de pesquisas e investigação sobre esse segmento (Martins, 2010).

No sentido de minimizar a participação da Psicologia quanto ao discurso sobre o camponês e os processos psicossociais e identitários no âmbito dos contextos rurais, Leite *et al.* (2013), citam como desafios para a atuação dos psicólogos junto às populações rurais nas políticas públicas:

- 1) Os discursos dos profissionais da psicologia nos contextos das carências e desafios enfrentados na ruralidade; 2) Preencher a precariedade das lacunas que requerem estudos sistemáticos; 3) Poucas dinâmicas nas redes de apoio; 4) Mobilidade em dificuldade de atuar; 5) Resistência dos moradores das zonas rurais; 6) Precarização do trabalho no campo (Leite *et al.*, 2013, p. 27).

Nesse cenário, com o enfoque direcionado às populações urbanas, a saúde mental da população rural tornou-se precária em relação à urbana (Brasil, 2013). Vale ressaltar a ausência de políticas públicas no país quando se trata da população rural, faltando um cuidado e um olhar mais minucioso. Nesse contexto, é notável a precariedade e a desproteção social que, ao longo dos anos, vem marcando a vida do camponês e de seus descendentes, provocando uma precarização em suas vidas, ao mesmo tempo em que o Estado, que é falho em oferecer apoio a essas populações, as oprime, com altos impostos e exigências legais; falta de incentivos à assistência, o que leva a um quadro de morbimortalidade, os quais geram transtornos mentais; uso abusivo de álcool e outras drogas; suicídios; além da recorrência de fatores como insônia, depressão, surtos psicóticos e, conseqüentemente, o uso de antidepressivos e ansiolíticos, sendo também vários tipos de substâncias psicoativas (Dimenstein *et al.*, 2017; Dimenstein *et al.*, 2018).

Rua (2006) discute que, além da visão tradicional que se tem do meio rural na atualidade, há uma nova concepção acerca dos papéis desempenhados pelo trabalhador rural, tornando a natureza desses papéis e as ditas atividades rurais como algo mais valioso. No entanto, é relevante pensar a pessoa do campo como alguém que também está suscetível ao adoecimento mental como tantas outras pessoas (Rua, 2006).

A psicologia faz-se, em sua grande maioria, no meio urbano; nesse viés, de acordo com Albuquerque (2002), a psicologia social surgiu no meio urbanizado, de modo a excluir fatores sócio-históricos e culturais, por isso, na atualidade, vê-se a necessidade do fazer psicológico em todos os espaços, dado que o homem permeia lugares e contextos diferentes. Assim, para um trabalho eficaz, o psicólogo deve procurar entender, acolher e estudar

estratégias eficazes para exercer a função na qual o CFP define que o psicólogo social é, a saber:

O psicólogo social é aquele que entende o sujeito desde uma perspectiva histórica, considerando a permanente integração entre indivíduo e o social. Neste sentido, operar como psicólogo social significa desenvolver um trabalho desde esta perspectiva de homem e da sociedade, possibilitando atuar em qualquer área da Psicologia (CFP, 1992, p. 9).

Nas décadas passadas, não se tinha conhecimento do psicólogo e suas contribuições, por ser uma ciência nova e pouco alcançada pela minoria populacional do meio rural, bem como pela falta de acesso aos lugares onde se encontravam esses profissionais, ou seja, no meio urbano. Segundo Bock (1997), é preciso uma formação em psicologia colada à realidade social brasileira, a qual se adapta ao contexto de cada ser humano, cumprindo seu objetivo, no século XXI, em que a psicologia, junto com os meios tecnológicos, se faz mais visível no meio rural. Com a chegada da tecnologia no campo e encontrada também a informação, dada pelos meios de comunicação, começa-se a ter acesso mais facilitado a tais profissionais e a informações da área, principalmente por meio de campanhas como Setembro Amarelo e Janeiro Branco, porém ainda não são campanhas direcionadas para a saúde mental do trabalhador rural. Farias (2009) demonstra a necessidade de fazer uma psicologia mais ampla que atenda essa parcela da população da qual não é colocada em debate durante a graduação de Psicologia.

Segundo Lopes, Ferreira e Friedrich (2018), o trabalho do psicólogo no meio rural se dá em meio às políticas públicas, por intermédio do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Em levantamento feito pelos referidos autores, somente 4% dos profissionais de psicologia atendem somente a população rural, enquanto os demais atendem os dois contextos, urbano e rural, por meio do CRAS e de avaliação da situação realizada em tal unidade, a qual, se encaminhada ao psicólogo que atende esse público, ainda representa uma minoria a ser atendida (Lopes; Ferreira; Friedrich, 2018).

Albuquerque (2002), ao tentar responder o porquê da psicologia não ser tão efetiva no meio rural, levanta a hipótese de que somos mais propícios a nos preocupar com problemas que conhecemos e nos cercam. Como a formação do psicólogo é feita no meio urbano, onde as universidades são constituídas, é natural se falar da urbanidade; entretanto, é válido

destacar que o Brasil atualmente é um país em que a economia não é mais predominantemente agrária, a produção industrial vem crescendo como a prestação de serviços, colocando o produtor rural em contextos diferentes ao se relacionar mais amplamente com o meio urbano (Albuquerque, 2002).

Lopes, Ferreira e Friedrich (2018) afirmam que a psicologia, para o trabalho com o meio rural, deve se fazer de forma comprometida com a ética e uma epidemiologia adequada para a realidade, considerando o contexto histórico e cultural do homem do campo, passível a adoecimentos que afetam qualquer ser humano, como ansiedade, depressão, burnout, entre outros sofrimentos psíquicos que devem ser buscadas suas causas de maneira condizente.

3 MÉTODO

Considerando que a presente pesquisa visou entender como a Psicologia compreende o indivíduo do campo, realizamos um relato de experiência, a partir de observações e de diálogos, em uma propriedade rural. Para tanto, discutimos, de maneira não sistemática, alguns aspectos relacionados à vida no campo e sua relação com a propriedade rural visitada. Os principais aspectos relacionados à vida no campo foram: as características da agricultura familiar; os impactos da tecnologia no meio rural, destacando como essa mudança pode ter afetado a vida das pessoas envolvidas nesse campo; os problemas de cunho psicológico que podem assolar a pessoa, os quais provêm de seu trabalho unicamente no campo; as crises climáticas; e a sua relação com a tecnologia e a economia.

A experiência vivida pelos presentes pesquisadores se deu em pequena agricultura familiar no interior de Goiás, onde observou-se as dinâmicas de trabalho e como elas estavam associadas aos fatores psicológicos. Destacamos, então, a observação feita com um membro dessa família, que foi o responsável por proporcionar a experiência dos pesquisadores no referido campo. Esse sujeito é responsável por várias tarefas na propriedade, incluindo a lida com os animais e a administração do local. Dessa forma, todas as percepções e narrativas aqui descritas foram provenientes do acolhimento e do engajamento que esse indivíduo oportunizou aos pesquisadores.

Na ocasião, a experiência em campo foi vivenciada pelos três pesquisadores deste artigo, bem como pelo professor orientador. Para a análise, foi observada a rotina das pessoas

ao longo do período matutino, obtendo, assim, condições para a realização do relato de experiência com respaldo crítico e científico. Além disso, o presente artigo utilizou um levantamento bibliográfico para compor a discussão acerca dos aspectos psicológicos envolvidos na vida do trabalhador rural.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo configura-se como um relato de experiência, o qual foi feito em uma fazenda do interior do estado de Goiás, em uma propriedade com a predominância da agricultura familiar, tendo como renda principal, a pecuária do leite. Ressalta-se que as ideias para a discussão em relação ao que foi identificado na fazenda em questão foram organizadas em sub tópicos, a fim de garantir a melhor compreensão dos leitores.

4.1 Características e qualidade da agricultura familiar e seus possíveis impactos na saúde mental

A dinâmica de trabalho na fazenda em análise é organizada e acordada entre os familiares, tendo uma divisão das tarefas e do salário entre os envolvidos. O trabalho em questão foi repassado de pai para filhos ao longo de gerações, cuja administração dos negócios foi herdada, não dando opções de escolha aos membros ascendentes dessa família.

Em todo o caso, observou-se que houve mudanças de pensamento acerca do trabalho na agropecuária leiteira, em que os membros atuais enxergam outras opções de escolha fora desse ambiente rural. Nesse sentido, Rua (2006) levanta o conceito de “pluriatividade”, em que se observa uma conciliação entre o trabalho rural e o trabalho externo, tendo, assim, o rural conduzido pelas transformações atuais, mas externas aos motivos das gerações anteriores. É válido frisar a fala de um dos trabalhadores dessa fazenda a respeito da manutenção do trabalho no meio rural, o qual tem sido conduzido por dois aspectos: a paixão pela terra e o financeiro. Sendo que um aspecto supre o outro no momento atual, embora afirme que não pretende chegar na velhice estando nesse ambiente.

No campo no qual estivemos, pudemos observar que o agricultor familiar tem uma rotina de trabalho fora do comum, diferente da rotina nos centros urbanos, pois trabalha de

segunda a segunda, começando às 6h e terminando por volta das 19h, a depender da demanda. Não há férias, os momentos de lazer são raros e apenas quando está fora do ambiente laboral e, conseqüentemente, fora do ambiente do lar, visto que nesses casos a casa e o trabalho estão localizados no mesmo espaço físico e de significados.

Nesse prisma, a qualidade de vida acaba sendo negligenciada, visto que não há um descanso digno e necessário, podendo proporcionar grande estresse em decorrência da rotina exorbitante. Outro aspecto denunciado por um dos trabalhadores dessa fazenda foi a dificuldade de encontrar mão de obra, devido a fatores, como: salário não compatível com a forma e qualidade desse tipo de trabalho.

Segundo a pesquisa realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG, 2013), que teve como objetivo analisar a saúde do trabalhador rural, em seus dados, as doenças com maior porcentagem encontradas foram problemas de coluna, hipertensão e dores de cabeça constantes. Como relatado pelo trabalhador, tais problemas estão presentes no seu cotidiano, associado à falta de ergonomia, como a exemplo da ordenha que deveria ser de fosso, porém, no estabelecimento, não há, o que seria um investimento maior a se fazer, portanto, o manuseio acaba sendo feito de forma inadequada ao precisar realizar o constante movimento de abaixar e levantar, gerando então as dores na coluna. Já os problemas de hipertensão e dores de cabeça estão associadas a tensões e questões climáticas, ao se ter uma preocupação constante com a falta de previsibilidade.

De acordo com Monteiro (2004), o trabalho do agricultor rural não se dá somente pelas atividades típicas da agricultura, na verdade, vai além, tendo atividades extras para desempenhar, como manutenção e reparo de equipamentos de instalações e serviços de manutenção em geral na propriedade. Ao questionar o trabalhador que nos conduzia sobre como acontecia o concerto do maquinário caso ele estragasse, este disse que um familiar e colaborador da agricultura da fazenda fazia a manutenção, não havendo a necessidade de uma terceirização desse tipo de serviço, demonstrando que até nos momentos vagos pode estar desempenhando um trabalho extra, a depender da necessidade.

Segundo Castro, Resende e Pires (2014), a agricultura familiar corresponde a 38% da produção nacional dos produtos básicos, como feijão, arroz, milho, hortaliças, mandioca e pequenos animais, podendo chegar a corresponder a 60% dessa produção. Nesse contexto, um dos trabalhadores da referida fazenda demonstrou consciência dessa realidade ao defender

que é o meio rural que alimenta os moradores da cidade, reforçando, assim, a importância do agronegócio familiar em comparação com o agronegócio exclusivamente dedicado à exportação.

A agricultura familiar é essencial para o desenvolvimento do país, visto que ela pode proporcionar renda para os agricultores, tendo uma grande potencialidade econômica e social para gerar desenvolvimento sustentável, movimentar as economias locais e garantir a segurança alimentar, a agricultura familiar também contribui em outras dimensões estratégicas para o futuro do país, tais como a sustentabilidade da produção, a equidade econômica e a inclusão social; logo, nota-se a relevância da agricultura familiar, não sendo somente econômica, mas de caráter social (Sousa e Crestana, 2006, p.11-23)

Dessa maneira, faz jus pensar em políticas públicas eficazes que garantam a manutenção de tal atividade no campo. Ao perguntar para o produtor sobre políticas públicas que atendam às necessidades desse ramo, foi relatado não haver movimentação por parte da gestão, por isso, ele citou ações para favorecer a classe trabalhadora, as quais seriam: comemorar o dia do produtor de leite, que se dá no dia 12 julho, com eventos; uma ocasião para reconhecer a importância fundamental desses profissionais para o desenvolvimento urbano e rural do Brasil; o fim da cobrança do diesel ao produtor; a construção de mata-burros por meio de parcerias com o produtor; a valorização dos operadores de máquinas; o planejamento de serviços por região; e o incentivo à construção de curvas de níveis para preservar as nascentes. Essas ações são fundamentais para enaltecer e fortalecer o papel dos produtores rurais no nosso país.

4.2 Ação antrópica e relação pessoa-ambiente

A ação antrópica é entendida como “ações ou atividades realizadas por seres humanos que têm um impacto significativo no meio ambiente, nos ecossistemas e no planeta” (WATERLOO BRASIL CONSULTORIA AMBIENTAL, 2023. p, 1). Nesse sentido, observa-se que, na relação pessoa-ambiente, haverá ações na terra que retornarão ao indivíduo, em um ciclo infinito, cujas consequências podem ser desejáveis para a sobrevivência e a dignidade de todos os seres coexistentes no ambiente ou, caso tal relação seja de violência e de exploração, as consequências poderão ser devastadoras.

No que tange à relação com a terra e com os seres vivos que coexistem nessa propriedade rural, foi observado que o ofício com os animais se dá, como defendido pelo indivíduo que guiou nossa visita, por meio da “prática mais humanizada”, a partir das noções de que os animais (especificamente o gado) devem ser identificados por nomes próprios e serem considerados indivíduos, além de que, no momento do ordenhamento das vacas, é permitido que o filhote esteja junto da mãe para uma maior comodidade dos animais, respeitando seu tempo de desenvolvimento natural. Essa prática trata-se de uma questão comercial, baseada no sistema capitalista, por isso, não é defendida em outros estabelecimentos rurais, como dito pelo agricultor, devido à crença de que, ao retirar o bezerro, se ganha tempo na ordenha, e o tempo é crucial no ganho financeiro.

Além disso, as mudanças climáticas na contemporaneidade vêm sendo outro fator que abala a qualidade de vida do produtor rural familiar, em decorrência da preocupação exacerbada acerca do futuro, sobretudo em relação ao contexto do plantio, ao ciclo das chuvas e aos impactos econômicos provenientes desses problemas. Podemos observar, por exemplo, que uma mudança realizada na represa dessa propriedade rural, a exemplo da ação antrópica, secou quase por completo, sendo que essa seca não havia ocorrido em anos anteriores, pelo menos não com o mesmo grau de severidade. Com isso, os agricultores começaram a pensar em alternativas que pudessem favorecer o terreno. Assim, em consolidação com esse ideal, observamos que, no local de plantio de lavoura, há a conservação das árvores, buscando um agrônomo para verificação do solo, proporcionando a adubação conforme a necessidade da terra; retomando, dessa forma, ao que já foi observado de uma prática humanizada que respeita o desenvolvimento natural do solo.

Quando questionado sobre o que sentia após esses momentos de desequilíbrio ambiental e sobre o que fazia com as frustrações na produção, ele mencionou que nunca procurava uma ajuda especializada para lidar com tais situações. Nesse contexto, nota-se que ainda há uma resistência ao se pensar no profissional da psicologia, ainda existindo o preconceito de que psicólogo seria apenas para tratar “doido”, temendo também pela opinião dos outros.

Nesse sentido, vale ressaltar o papel dos psicólogos ambientais. A psicologia ambiental “é o estudo da transação entre o indivíduo e o ambiente físico”, por isso, parte-se do pressuposto de que o homem não possui somente a existência social, mas acima de tudo tem a existência física, da qual é composta por formas arquitetônicas ou naturais, ou até

mesmo pela falta delas (Melo, 1991, p. 5). Percebe-se, então, a importância do psicólogo ambiental ao analisar o contexto do produtor rural, notando a influência que o ambiente pode gerar no seu comportamento e como este pode ser fonte de adoecimento, a exemplo da ansiedade perceptível no produtor em particular em razão das mudanças climáticas. A partir dessa percepção, feita pelo grupo, observou-se as modificações feitas pelo agricultor para suprir suas necessidades, tendo consequências positivas e negativas, isso reforça que tais problemas, de cunho psicológico, podem passar por várias vertentes, como a do campo ambiental, sendo necessária uma análise minuciosa.

4.3 Tecnologia, economia e seus possíveis impactos na vida do agricultor familiar

A tecnologia mostrou-se bastante benéfica ao automatizar o trabalho, tornando-o menos braçal, o que foi possível observar no referido estabelecimento, pois lá há ordenhas automatizadas e uma placa solar. O dono diz que a tecnologia foi adentrando gradualmente nas dinâmicas do trabalho, sendo que a ordenha automatizada, foi feita por meio de parcelamento de uma cooperativa leiteira. Em seguida, foi-se obtendo outras máquinas por intermédio de empréstimos, mais especificamente do Pronaf, o qual foi criado em 1995 com a finalidade de incentivar a agricultura familiar com programas de financiamento com taxas de juros especiais (Castro; Resende; Pires, 2014), sendo este, um grande incentivo para a manutenção do local em questão. Na residência, foi visto também: colheitadeira, plantadeira, vagão desensilador, grade niveladora, subsolador, entre outros maquinários que facilitam o trabalho do agricultor, pois demandam menor esforço braçal. Grande parte do conhecimento dos responsáveis por essa propriedade rural sobre tecnologia foi adquirido antes mesmo da disseminação da *internet*, por meio de programas de TV, tal como o “canal rural”, que mostrava modelos para se fazer agricultura no sul do país.

O responsável por guiar nossa visita defendeu que é sempre necessário estar aberto às mudanças envolvendo a tecnologia, “pensar diferente é o que muda”. Quando questionado sobre os malefícios da tecnologia, não citou nenhum fator associado a ela. Assim, aspectos como ansiedade ou estresse não foram identificados como provenientes da tecnologia, mas sim associados a questões climáticas, identificadas aqui a partir da definição do National Geographic (2023) como um misto de preocupação excessiva e medo do futuro evidenciado por eventos climáticos extremos.

O responsável por esse estabelecimento rural relatou que, durante o plantio deste ano, a chuva veio em grande proporção e devastou a roça plantada, gerando estresse e apreensão com a colheita, assim como acontece com o forte calor e a falta de chuva. Ainda, relatou que o plantio vem sendo alterado e seu ciclo, que há tempos se mantinha igual, tem produzido abaixo do esperado para o mês de novembro; enquanto a “safrinha” plantada em fevereiro produziu acima do previsto.

Vale frisar que as mudanças climáticas também estão relacionadas com a tecnologia, no que se refere ao aumento da produtividade promovido pelas máquinas e, consequentemente, ao aumento da exploração da terra e dos seres que nela coexistem; o que, a partir dos ideais capitalistas de lucro e de desigualdades sociais, acaba gerando mais desequilíbrio climático.

Por fim, o modelo de desenvolvimento capitalista tem se mostrado cada vez mais ineficiente para promover justiça ou igualdade social, pondo em xeque sua “função civilizatória”. A separação antagônica entre cidade e campo, analisada por Marx (2013) no conceito de falha metabólica da relação homem-natureza na sociedade capitalista, aponta a necessidade de se enfrentar as questões socioeconômicas e ambientais da sociedade atual e da busca de alternativas que superem as contradições postas pelo capital. No âmbito da agricultura, o sistema produtivo capitalista do agronegócio tem se configurado como um modelo ecologicamente devastador e concentrador de riqueza, cuja lógica desvirtua o “metabolismo entre o homem e a terra”, gerando problemas de ordem tanto ambiental como social, política e econômica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo analisar o uso da tecnologia pelo produtor rural, observando seus malefícios e seus benefícios, bem como os impactos na saúde mental. Verificou-se, então, os aspectos psicológicos que poderiam estar relacionados a tais tecnologias em prol do trabalho rural, evidenciando essa realidade. Para tanto, concluiu-se que tais objetivos foram atendidos, pois, por meio da vivência na propriedade rural escolhida, foi possível analisar a relação do agricultor com seu trabalho e relacionar os achados com a teoria, levantando, assim, respaldo qualitativo para visualizar possibilidades e desafios dentro dessa área.

Em suma, percebeu-se, nesse caso, que a tecnologia oportunizou mais benefícios que malefícios, tornando o trabalho na referida propriedade rural menos braçal, otimizando, assim, o tempo do agricultor e gerando uma produção acelerada para manutenção de sua renda. Além disso, é importante destacar que a preocupação com o clima vem proporcionando grandes problemáticas na vida rural e fora dela, a contar: ansiedade, estresse, medo do futuro ou não ter um futuro. Os serviços de psicologia, nesse contexto de crise climática, parecem ser insuficientes, dado o tamanho do problema, visto que não há uma campanha ou políticas públicas especificamente voltadas para a saúde mental do agricultor ou para as mudanças comportamentais que oportunizem relações mais saudáveis e éticas com o meio ambiente, a fim de sobreviver ao presente e ter algum futuro. Nesse viés, para futuras pesquisas, seria interessante abordar, de forma mais abrangente, a relação climática com o indivíduo no campo, podendo explorar formas de proporcionar bem-estar ao agricultor familiar, pois tais mudanças, além de urgentes, devem estar presentes em todos os saberes e fazeres da Psicologia.

10 REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. J. B. Psicologia social e formas de vida rural no Brasil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 1, p. 37-42, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000100005>. Acesso em: 02 mar. 2024.
- ALVES, E. *et al.* Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de Política Agrícola**, v. 20, n. 2, p. 80-88, 2011. Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/910778>. Acesso em: 03 mar. 2024.
- BOCK, A. M. B. Formação do Psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 17, n. 2, p. 37-42, 1997.
- BRASIL. Lei n.º 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 25 jul. 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta**. 1. ed.; 1. reimp. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.
- CAMPOS, I. F.; ARAÚJO, C. A. Aspectos psicológicos do uso patológico de internet. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, v. 33, n. 85, p. 292-311, 2013.
- CASTRO, C. N. **Conceitos e Legislação sobre a agricultura familiar na América Latina e no Caribe**. Brasília: Ipea, 2023.

CASTRO, C. N.; RESENDE, G. M.; PIRES, M. J. S. **Avaliação dos impactos regionais do Programa Nacional da Agricultura Familiar (Pronaf)**. Brasília: Ipea, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil: contribuição do Conselho Federal de Psicologia ao Ministério do Trabalho para integrar o catálogo brasileiro de ocupações. 17 de outubro de 1992. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 1992.

CONTAG. Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura. **Relatório da "Escuta Itinerante: acesso dos povos do Campo e da Floresta ao SUS"**. Brasília, DF: Departamento de Ouvidoria Geral do SUS/Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa/Ministério da Saúde, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário**. 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos demográficos de 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em 03 mar. 2024.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LEITE, J. F.; MACEDO, J. P. S.; DIMENSTEIN, M.; DANTAS, C. A formação em Psicologia para a atuação em contextos rurais. In: LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M. (Org.). **Psicologia e contextos rurais**. Natal: EDUFRN, 2013. p. 27-55.

LOPES, E. M.; FERREIRA, C. R. C.; FRIEDRICH, D. R. Psicologia e ruralidades: caminhos para um fazer psicológico transformador. **Psicol. Conoc. Soc.**, v. 8, n. 1, p. 225-245, 2018. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262018000100225&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 19 mar. 2024.

MARTINS, A. M. *et al.* A formação em Psicologia e a percepção do meio rural: um debate necessário. **Psicol. Ensino & Form.**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 83-98, abr. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612010000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 mar. 2024.

MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MASSRUHÁ, S. M. F. S.; LEITE, M. A. A. Agro 4.0: rumo à agricultura digital. In: MAGNONI JÚNIOR, L. *et al.* (Org.). **JC na escola ciência, tecnologia e sociedade: mobilizar o conhecimento para alimentar o Brasil**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2017. p. 28-35.

MEDEIROS, F. L.; PRADO, L. C. D. A Teoria Protoindustrial: origem, desenvolvimento e atualidade. **Estudos Econômicos**, v. 49, n. 1, p. 131-161, 2019.

MELO, R. G. C. A psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. **Psicologia-USP**, v. 8, n. 2, p. 85-103, 1991.

MONTEIRO, J. C. **O processo de trabalho e o desencadeamento dos agravos à saúde dos trabalhadores rurais**: um estudo ergonômico na agricultura familiar em Santa Catarina. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2004.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Ansiedade climática: quais são os sinais de que uma pessoa está sofrendo com o problema?. **National Geographic Brasil**, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/12/ansiedade-climatica-quais-sao-os-sinais-de-que-uma-pessoa-esta-sofrendo-com-o-problema>. Acesso em: 5 out. 2024.

PEREIRA, C. N.; CASTRO, C. N. Expansão da produção agrícola, novas tecnologias de produção, aumento de produtividade e o desnível tecnológico no meio rural. Rio de Janeiro: **Ipea**, 2022.

REIS, F. S. **Atuação do/a Psicólogo/a em contextos rurais**: uma revisão integrativa da literatura. 2021. 26 f Artigo de Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia, Campus Universitário de Miracema, UFT, 2022.

RUA, João. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **Revista de Geografia Agrária**, v. 1, n. 1, p. 82-106, 2006.

SOUSA, I. S. F. de; CRESTANA, S. Introdução. In: SOUSA, I. S. F. de (Ed.). **Agricultura familiar na dinâmica da pesquisa agropecuária**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. p. 11-23.

WARTELLO BRASIL CONSULTORIA AMBIENTAL. **Ação Antrópica e Contaminação Ambiental**. 15 set. 2023. Disponível em: <https://waterloo.com.br/acao-antropica-e-contaminacao-ambiental/#:~:text=A%C3%A7%C3%B5es%20antr%C3%B3picas%20se%20referem%20%C3%A0s,direto%20ou%20indireto%20na%20natureza>. Acesso em: 13 out. 2024.